

Cartografia dos Veículos de Comunicação no Oeste de Santa Catarina

PICCINI, Audrey Saylor Basso

TORRESCASANA, Mariângela

Universidade Comunitária Regional de Chapecó – Unochapecó – Santa Catarina

Resumo

O presente trabalho contém informações sobre a identidade, localização e principais características dos veículos de comunicação da região oeste catarinense. A sua execução permitiu não só conhecer um pouco desta história, mas também elaborar uma radiográfica mais precisa do sistema de comunicação regional. O número de veículos de comunicação, bem como a sua estrutura, quadro pessoal, um pouco sobre o conteúdo veiculado, dentre outras informações importantes para apresentar a mídia oeste de Santa Catarina, se fazem presentes neste projeto.

Palavras-chave: Mídia – História – Cartografia

Introdução

Desde o início da humanidade o homem e a própria natureza buscam elementos que estabeleçam um processo comunicacional. A comunicação constitui-se hoje quase em uma necessidade básica, como respirar por exemplo. Viver em sociedade requer um intercâmbio de informações, um compartilhar de idéias.

Martino (2000) argumenta que o ser humano é um ser da comunicação e que esta se transforma com o tempo e de acordo com os interesses dos indivíduos, exercendo e sofrendo influências sobre os mesmos.

Comunicar-se não é necessariamente utilizar-se da fala para que alguém entenda a mensagem. É mais do que isso. É uma troca de olhares, um aperto de mãos, um gesto, uma ilustração, um som e até mesmo a ausência de uma forma de expressão. A História nos mostra que o chamado “homem das cavernas” já se comunicava através de desenhos em pedras.

Nos dias de hoje pode-se dizer que tudo gira em torno da comunicação. As relações interpessoais trazem, em sua essência, a comunicação como solução para vários problemas, mas quando se pensa em relações que envolvem um grande número de pessoas, o diálogo interpessoal já não resolve a questão, exigindo a interferência de outros meios ou utilização de outros métodos comunicacionais mais massivos.

O sentido de comunicação de massa está ligado diretamente a veículos de comunicação, pois são eles que fazem a ponte entre a população e os acontecimentos diários de uma cidade, estado, país e mundo. A sua principal característica é a de informar com precisão os acontecimentos de interesse público.

A forma como esses fatos são noticiados, a qualidade de seus conteúdos, a sua influência na sociedade têm sido objeto de estudo de inúmeras pesquisas na área da comunicação social. Essas análises têm contribuído para a discussão sobre os meios, provocando algumas mudanças significativas tanto na área acadêmica quanto profissional.

Ao se observar o desenvolvimento dessas pesquisas percebe-se que ao mesmo tempo que elas nos permitem conhecer como os meios articulam e engendram suas estratégias discursivas, trazem à luz um aspecto sobre os mesmos que parece ter ficado fora desse foco, abrindo uma outra via interessante para investigação. Hoje sabe-se o que eles fazem, de que forma e até pode-se indicar possíveis conseqüências. No entanto, não se sabe, com precisão, quem são, onde estão, quais as suas principais características e, muito menos a sua relação com o desenvolvimento das cidades. Ou seja, não se tem uma cartografia da mídia nem mesmo regional, quanto mais brasileira. E o que é mais grave: a imprensa que se apresenta como a historiadora do cotidiano, corre o risco de ver sua própria história perder-se no tempo e espaço, principalmente porque a não preservação significa a perda da memória e de seu referencial.

Com base nessas observações, surgiu a proposta deste estudo com o objetivo de identificar quem e quantos são, principais características e estrutura básica dos veículos de comunicação do oeste catarinense, oferecendo um diagnóstico mais próximo da realidade. A idéia é de que este trabalho venha a contribuir com novas pesquisas que não necessariamente se detenham na elaboração de um banco de dados, mas que a utilizem como fonte para o aprofundamento de questões como a contribuição social desses veículos, sua participação na história local, a sua identidade política e assim por diante.

Para a realização desta pesquisa de caráter quantitativo, elencamos alguns critérios que permitiram delimitar nosso campo de estudo. A primeira definição teve relação direta com a questão geográfica. O Estado de Santa Catarina está dividido em oito mesoregiões, das quais foram selecionadas, em razão do tempo disponível para o desenvolvimento do trabalho, a que estava mais próxima do pesquisador, a chamada de Oeste, composta por 91 municípios. A partir disso, elegemos como segundo critério

o índice demográfico, tomando como base cidades com população superior a 5 mil habitantes, o que totalizou 39 cidades. Destas 39, somente 30 possuíam pelo menos um tipo de veículo de comunicação. Os veículos foram classificados dentro da mídia impressa são jornais e revistas; da radiodifusão, rádios OM e FM e redes de TVs de canal aberto, segundo sua localização, tiragem, periodicidade, número de páginas, fundação, quadro funcional, potência, tipo de programação, tipo de rede e canal de sintonia.

1 - A (De)Composição de Santa Catarina: sua disposição territorial

Antes de se falar sobre contexto regional é importante trazermos alguns conceitos sobre a raiz da palavra regional. Para Fadul (2004), região, longe de ser um conceito que clarifique e classifique as coisas, inclui ao mesmo tempo questões epistemológicas e sociais. Por isso sua noção é imprecisa. A professora acentua que a palavra região tanto pode ser aplicada a fração de um estado ou de uma nação como a um agrupamento de estados ou de nações, que se assemelham pelas suas características econômicas, políticas ou culturais e, geralmente, pela sua situação geográfica.

Entre as cinco regiões brasileiras, interessa-nos a Região Sul e, dentro desta, o Estado de Santa Catarina. Sua capital é Florianópolis, possui uma população de 5.333.284 habitantes e ocupa uma área de 95.442,9 km², o que representa uma densidade demográfica de 55,87 hab/Km². É uma das Unidades da Federação com relevo mais elevado. O clima é temperado e a economia se baseia na indústria (agroindústria, têxtil, cerâmica, máquinas e equipamentos), no extrativismo (minérios) e na pecuária. O Estado de Santa Catarina é um dos maiores exportadores de frango e de carne suína do Brasil.

A sua disposição territorial definida pelo Governo do Estado de Santa Catarina, compreende oito mesorregiões, classificadas em litoral, nordeste, vale do Itajaí, planalto norte, planalto serrano, sul, meio oeste e oeste, que se subdividem em outras 20 micro-regiões, abrigando 293 municípios.

2 - A Região Oeste: fragmentos históricos

Segundo o site oficial do Governo de Santa Catarina, a mesorregião Oeste, composta por quatro micro-regiões, é responsável por boa parte da produção brasileira de grãos, aves e suínos.

A história da colonização do Oeste de Santa Catarina é permeada de embates e miscigenações culturais. Segundo Radin (2001), os italianos povoaram a região, até então composta por caboclos e indígenas. Os Italianos vieram para o estado do Rio Grande do Sul e logo depois a Santa Catarina.

Provenientes de uma Itália com problemas de toda a ordem, deixaram sua pátria e buscaram aqui, fazer a América. Isto quer dizer que procuraram uma vida com mais dignidade, com trabalho, alimento e liberdade, onde pudessem ter uma perspectiva de futuro. (RADIN, 2001,p.43)

Atraídos com promessas de terras fartas e trabalho, os italianos se instalaram nas regiões serranas do Rio Grande do Sul, hoje municípios de Guaporé, Vila Maria, Casca, Passo Fundo, entre outros. RADIN (2001) conta que os imigrantes italianos receberam terras em regiões montanhosas de pouco prestígio, ao contrário do que aconteceu com os alemães que vieram 50 anos antes. Mesmo com terras nem sempre de boa qualidade, os italianos assumiram lotes de terras disponibilizadas pelo governo.

Conforme Werlang (2002), algumas companhias eram responsáveis pela venda das terras no Sul do país. No caso mais específico de Santa Catarina, a empresa Cia Territorial foi quem comercializou boa parte dos lotes, através de seu diretor, Carlos Culmey, o que veio a dar origem a grande parte aos municípios da região oeste e centro oeste.

A colonização no oeste do Estado iniciou pelo Vale do Rio do Peixe, por onde passava a estrada de ferro, constituindo-se na única ligação ao Sul do Brasil. Apesar da estrada de ferro significar para a época um grande avanço nos transportes, várias foram as reclamações de abandono da região oeste do estado. Apenas em 1950 algumas indústrias começaram a despontar. Eram 51 serrarias, 46 moinhos de trigo e milho, 14 ferrarias, 5 descascadores de arroz, 8 soques de erva-mate, entre outras. (RADIN, 2001)

A região Oeste de Santa Catarina ficaria conhecida, anos depois, por comportar grandes agroindústrias como a Sadia, Perdigão, Seara e Aurora. Comassetto (2005) acentua que a implantação de uma comunicação mais intensa foi vital para o

desenvolvimento tanto das agroindústrias como para a região, primeiro devido à necessidade de contato com os produtores a elas vinculados; segundo, como instrumento de poder e projeção política, o que reverteria em benefícios econômicos às empresas.

Comassetto (2005) atribui aos pioneiros das agroindústrias, o respaldo pela criação e manutenção das rádios mais antigas da região, instaladas uma em cada município: Concórdia, Chapecó, Joaçaba, Videira e Caçador, que cumpriram papel importante, levando informações aos agricultores que vendiam suínos para as empresas.

2.1 - Principais municípios: cidades-pólos

A mesorregião Oeste possui 91 municípios. Os principais são Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste, considerados cidades-pólo. Segundo informações dos sites www.citybrasil.com.br e www.sc.gov.br, Chapecó, a maior com maior índice demográfico, foi fundada em 25 de agosto de 1917 e seu nome vem do tupi *Xapeco* que significa "lugar de onde se avista o caminho da roça". Tem uma área de 625,60km² e uma população de 169.256 habitantes. Com o passar dos anos, a cidade firmou-se como pólo econômico nacional de suinocultura e avicultura.

A segunda cidade mais populosa é Concórdia, com 66.350 habitantes, distribuídos em uma área de 802 Km². Fundada em 24 de julho de 1934, apresenta uma economia centrada na agropecuária – criação de suínos e aves, e plantações de milho e soja.

Chamada pelos índios Kaigangues de “campina da Cascavel”, Xanxerê, apesar de ser a mais nova das cidades-pólo, não é a que apresenta a menor densidade demográfica. De 27 de fevereiro de 1954 para cá foi abrigando em seus 380 Km², uma população que hoje totaliza 40.339 pessoas. A sua base econômica volta-se também para as atividades primárias: agricultura e pecuária.

São Miguel do Oeste possui cerca de 40 mil habitantes e foi fundada em 30 de Dezembro de 1953. Localizada na região que é conhecida como extremo oeste, a economia da cidade é agrícola e industrial, tendo como atividade principal a produção de fumo.

A divisão de estados e regiões influencia nos conteúdos apresentados pela imprensa e na forma como os leitores e telespectadores se interessam pelos assuntos. A importância do contexto regional parece estar no fato dela vir a constituir-se em um instrumento de resistência à crescente globalização imposta pela cultura midiática, conforme destaca Elhajji (1999)

estamos assistindo a uma tendência mundial de reorganização do campo da comunicação em torno de pólos comunitários, resultando em uma segmentação da sociedade em grupos de afinidades ou de interesses regionais ou transnacionais. Trata-se, com certeza, de táticas pós-modernas de resistência a processos hegemônicos inerentes à globalização, de libertação de sistemas locais de opressão ou de reterritorialização de subjetividades despojadas. São estratégias plenamente válidas de trilhamento de novas linhas de fuga no caótico ambiente social-existencial que caracteriza a nossa época atual.

O jornalismo praticado no país é um exemplo de formato globalizado da informação. Para Barreto (2005), um dos dados mais importantes divulgados recentemente, é o de que somente 8% dos municípios do país geram todos os programas de TV assistidos no Brasil inteiro.

Este dado demonstra que no Brasil há uma concentração monopolizada da informação. A grande maioria das cidades brasileiras não produzem informações em âmbito local. As notícias veiculadas nacionalmente não contemplam os interesses da maioria das comunidades e nem respeitam as peculiaridades de cada região.

O termo “local” apresenta infinitas abordagens. Cólvero (2003) define o termo como sendo “um espaço particular delimitado” onde tudo se baseia nas relações interpessoais familiares.

A nossa identidade, assim como a dos outros, está ancorada neste local específico, emocionalmente carregado e sedimentado com associações simbólicas e interações cotidianas. Portanto, é a partir do local que o indivíduo constrói seu modo de vida, ou seja, organiza a sua vida pessoal e social, as suas relações familiares e de trabalho. (FEATHERSTONE *apud* CÓLVERO, 2003, p.13)

As pautas nacionais trazem como efeito o agendamento das matérias, fazendo com que todos os maiores veículos sempre levem até o leitor a mesma matéria com as fontes idênticas. “O jornalismo vem seguindo um agendamento homogêneo. São matérias previsíveis que o leitor encontra nas capas dos jornais de circulação nacional e todas iguais”. (SANTOS, 2006, p. 1)

Os jornais de pequeno porte, na visão de Fernando *apud* Santos (2006, p. 1), também seguem um certo agendamento, mas tem a possibilidade de conseguir pautas diferentes. A notícia local é a missão dos jornais de pequeno porte. O leitor interiorano busca no jornal a representatividade da mídia local.

Ver-se no jornal ou mesmo ver um amigo, faz com que as pessoas já comprem um exemplar. Essa é outra forma do público se interessar pelas matérias, além do

conteúdo apresentado. O interesse em saber como vai o preço do milho ou de casas na região é muito mais importante do que o preço vendido nacionalmente destes mesmos produtos.

3 - Os Veículos impressos: jornais e revistas

Do total de 43 questionários enviados aos veículos de imprensa escrita – jornais e revistas – 31 foram respondidos e é sobre este universo que será realizada a análise a seguir.

Dentre os questionários recebidos, percebemos que os veículos em questão surgiram em maior número a partir da década de 90, justamente quando houve a construção da BR-282, estrada que liga o oeste do Estado às demais regiões, e quando se iniciou o processo de emancipação de grande parte dos municípios que compõem essa região. (www.sc.gov.br)

Os municípios que hoje comportam mais de 5 mil habitantes surgiram, em grande parte, a partir da década de 50 e 60, o que explica também o surgimento dos veículos alguns anos depois.

Os jornais mais antigos da região, fundados nas décadas de 70 e 80, são respectivamente os que possuem uma estrutura mais consolidada e um número de profissionais mais elevado, em relação aos mais recentes. Os veículos são:

- a) “O Noroeste”, de São Miguel do Oeste, que possui tiragem de 2.300 exemplares e circula duas vezes por semana. Possui 26 funcionários sendo que 6 estão diretamente envolvidos com a produção do material, 2 jornalistas formados e outros 2 em formação.
- b) A empresa jornalística “Diário da Manhã”, fundada em 1979 em Chapecó, tem circulação diária de 10.000 exemplares e conta com 18 funcionários, dos quais 12 estão diretamente ligados com o material e destes 4 são jornalistas formados.
- c) O jornal “Folha do Alto Uruguai” de Xanxerê, fundado em 1982, circula semanalmente com 2.500 exemplares onde 8 pessoas trabalham, destas, 5 diretamente com o material.

No caso específico da cidade de Chapecó, os veículos possuem um número mais elevado de profissionais, são todos de circulação diária e com jornalistas, porém o foco da análise acima é em relação a fundação dos veículos.

O número de profissionais formados em jornalismo ainda é pequeno, levando em consideração que todos que desempenham função de redator e outros cargos, deveriam ser formados, já que essas atividades são específicas da área. Mas, é

possível perceber uma evolução neste indicativo, ao se analisar os gráficos dos veículos impressos em relação as emissoras de rádio e Tv, onde o número é menos expressivo. A grande maioria dos veículos impressos possui pelo menos um profissional formado, o que representa 71.5% dos veículos. Do total, 21.5% ainda não possuem um jornalista formado e cerca de 7% possuem mais do que cinco.

O público alvo dos jornais e revistas figura entre as classes B e A respectivamente. No que se refere as revistas, percebe-se que há um cuidado com o conteúdo, procurando seguir um padrão mais elaborado através da linguagem visual e escrita.

4 - Veículos da mídia eletrônica: rádio e televisão

As emissoras de rádio e televisão possuem uma realidade um pouco diferenciada dos veículos impressos. Essas diferenças já começam a partir da abertura dessas empresas. Para se abrir uma emissora de radiodifusão, é necessária a concessão de um canal, o qual só é disponibilizado pelo Ministério das Comunicações, mediante edital público. Os veículos impressos não precisam dessa autorização.

O rádio teve sua fase de ouro uma década antes do surgimento da grande maioria dos veículos impressos. Ele surgiu junto com a emancipação de vários dos municípios do oeste, que aconteceram nas décadas de 50 e 60 e na década de 80, o número de emissoras de rádio aumentou significativamente na região.

Percebe-se que a região ainda é carente de emissoras de televisão, pois possui hoje 21 rádios de Onda Média - AM, 17 emissoras de Freqüência Modulada – FM e apenas 3 emissoras de televisão de canal aberto. Estes dados foram classificados através dos questionários respondidos, no total são 40 rádios AM e FM e 3 emissoras de televisão que foram localizadas.

Também pode-se perceber que o número de emissoras comunitárias e educativas é bem menor do que das comerciais. A região, atualmente, não possui nenhuma emissora de televisão que seja educativa ou comunitária. Existem apenas 3 emissoras de rádio de caráter comunitário. Em contra-partida existem 37 emissoras comerciais.

A cobertura oferecida pelas emissoras de rádio são, no geral, regionalizadas, tendo apenas 3 emissoras com cobertura local, 2 de cobertura nacional e a grande maioria de cobertura regional.

A programação prioritária da rádio é informativa e geral, apresentando à população, 79.3% de informação mesclada com outros assuntos que cabem à editoria de Geral. Outras editorias citadas como entretenimento, Opinião e Política somam 20.7% do que é veiculado. A de entretenimento é a terceira mais utilizada.

O conteúdo veiculado é direcionado, conforme resposta dos questionários, para as classes B e C respectivamente. Ao se confrontar os dados, é possível perceber que os números diferem pouco em relação as classe. A Classe B possui 40%, a C 37% enquanto as demais, A, D e E possuem iguais 33%. Esse resultado pode nos levar a duas interpretações: a primeira é de que, com base nas respostas, os veículos não possuem estudos para saber quais realmente são seus públicos alvo, pois várias emissoras responderam que a sua programação atinge todas as classes. A segunda possibilidade é que realmente o conteúdo produzido é pensado de forma que atraia todas as classes sociais.

Os veículos de rádio e televisão utilizam-se de um número maior de profissionais envolvidos no trabalho. É possível perceber que a maioria das emissoras possui uma equipe variando de 11 à 15 trabalhadores e em segundo lugar de 21 à 25. O número de profissionais de imprensa formados é que não acompanha o quadro geral, já que menos da metade dos profissionais não possui graduação em Jornalismo.

A programação oferecida é, em parte, parecida com a dos veículos impressos, pois o meio de comunicação utiliza-se de informação e entretenimento para noticiar os fatos do cotidiano. São poucos os veículos que trabalham apenas com entretenimento ou informação. A programação é bastante variada, os mais utilizados são os noticiários, os programas de entrevistas e os programas musicais, restando algum espaço para opinião, humor, auditórios e radiorevistas. O único tipo de programa que nenhuma rádio diz fazer é dramatização.

O espaço destinado ao Jornalismo varia de até uma hora à duas horas e as temáticas mais abordadas nestes espaços são Política, Geral e Agricultura, mostrando que a atividade que move a economia regional possui o terceiro maior espaço de divulgação, precedida da política que, segundo Comassetto (2003), foi quem impulsionou o início dos veículos de comunicação, juntamente com o fator econômico, na época em que as agroindústrias estavam despontando no Estado de Santa Catarina.

Considerações Finais

A primeira constatação que cheguei ao término deste trabalho é a de que eu não imaginava que na Região Oeste de Santa Catarina, região onde moro há 22 anos, existissem tantos veículos de comunicação. Inicialmente pensei, juntamente com a orientadora, professora Mariângela Torrescasana, que poderíamos visitar pessoalmente todos os veículos fazendo, desta forma, um trabalho mais aproximado com os proprietários, podendo, inclusive, coletar depoimentos sobre a trajetória do

veículo e sua influência nas cidades onde circula ou atinge. As visitas foram feitas, mas com tempo pré-determinado.

Em dois dias percorri cerca de 800 km, visitando redações e estúdios de emissoras de rádio. O primeiro roteiro contemplou as cidades de Pinhalzinho, Cunha Porã, Maravilha, São Miguel do Oeste, Descanso, Itapiranga e Palmitos. No segundo dia foram as cidades de Xaxim, Xanxerê, Ponte Serrada, Concórdia e Seara. Destas visitas fiz algumas entrevistas formais, outras informais, ganhei vários exemplares de jornais que até então nunca havia ouvido falar e o melhor de tudo, conheci a verdadeira situação da imprensa interiorana.

Em algumas cidades, os veículos pequenos se confundiam aos grandes. São emissoras de rádio que, com pouco tempo de história, concorrem com redes consolidadas, como por exemplo a Rede Peperi de São Miguel do Oeste, que possui uma estrutura fantástica em suas seis emissoras. Ela apresenta, talvez, a melhor estrutura de rádio da região.

Emissoras de cidades pequenas como a Rádio Progresso de Descanso, onde cheguei e já fui logo convidado a entrar no estúdio para conversar com o locutor, entre entradas e saídas do ar para anunciar músicas, a temperatura e a hora certa. Para os que ainda pensam que Chapecó tem a melhor estrutura de veículos de comunicação da região, sinto informá-los de que São Miguel do Oeste e Concórdia tem a melhor estrutura. Alguns municípios não foram visitados, mas tendo por base o tempo de fundação as rádios destes dois municípios são algumas das mais antigas do estado e consolidam-se hoje, como umas das melhores no oeste de Santa Catarina.

Nos impressos, em sua maioria, encontrei redações pequenas e com poucos computadores para tantas pessoas querendo trabalhar. Jornais de circulação plausível, cerca de 2 mil exemplares, mas que como muitos veículos de imprensa, apanham para conseguir pagar as contas no final do mês e seguir trabalhando. Em contrapartida, visitei a melhor redação e estrutura da região. O Jornal de Concórdia "O Jornal" possui um espaço amplo, circulação bi-semanal e acredito que o melhor índice de profissionais formados. São seis profissionais formados em Jornalismo, atuando em uma redação que possui uma estação de trabalho para cada redator. Não que seja o paraíso, mas dentre os visitados, foi o único em que percebi uma certa organização na redação e uma estrutura no mínimo adequada a realidade dos veículos impressos onde ninguém tem que disputar espaço em computador.

Muitos jornais trabalham com periodicidade semanal, tendo alguns casos em que são diários e outros poucos quinzenais ou mensais, caracterizando assim uma imprensa

de pequeno porte onde o conteúdo nem sempre é factual mas que mesmo assim tem espaço garantido para o conhecimento da população.

A grande maioria dos veículos trabalha em salas pequenas, numa tentativa de reduzir custos. Percebi também que não há um certo cuidado e tampouco interesse em preservar a história das empresas de comunicação. A falta de preocupação com a memória prejudica estudos mais aprofundados, pois, muitas vezes, os proprietários já faleceram ou mesmo mudaram-se para outras cidades e acabam se tornando incomunicáveis.

Mas mesmo com problemas de infra-estrutura, os veículos se mantêm e preservam seus funcionários e colaboradores permitindo de uma forma ou outra a história seja contada daqui pra frente, o que também é importante para a manutenção da história local e regional.

Espero, com este trabalho, ter auxiliado para a preservação dessa história, uma história do cotidiano, de cidades, de identidades. Contribuído também para o desenho da panorâmica midiática do Oeste Catarinense, bem como para o incentivo a novas pesquisas já que, ao trilhar o caminho da investigação, deparei-me com inúmeras outras possibilidades de estudo, como por exemplo, as contribuições dos veículos de comunicação para o desenvolvimento regional ou identificar o perfil de um veículo em particular, ou ainda analisar as estratégias discursivas que esses meios engendram para especializar ideologias.

Referências bibliográficas

BARRETO, Gustavo – **Jornalismo Regional**. Disponível em: http://www.temnoticia.com.br/noticias.asp?cod_categoria=1&cod_subcategoria=23&cod_noticia=299. Acesso em 07 dez. 2005.

CÓLVERO, Divanira dos Santos. **A articulação do local no programa Grande Jornal da rádio Chapecó AM**. 2003. Monografia (Bacharel em Jornalismo) - Universidade Comunitária Regional de Chapecó, Chapecó, 2003

COMASSETTO, Leandro Ramires. **A Voz da Aldeia – O Rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global**. 2005. Tese Doutorado em Comunicação Social – Faculdade dos Meios de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ELHAJJI, Mohammed. **Novas estratégias organizacionais no cenário global**. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0100-1999000200002. Acessado em 17 de abril de 2006.

- FADUL, Anamaria. **Regionalização e Globalização da mídia na Região Sul.** Publicação do Regiocom 2004. São Bernardo do Campo, set. 2004.
- FERNANDES, Mario Luiz. **A Força do jornal do interior.** Itajaí: Univali, 2003.
- HIRSCH, Carla Grace Medeiros e PATUSSI, Luzi Lea Stürmer. **Jornal do Povo. 1951-1960: A Trajetória de um Semanário.** 2005. Monografia (Bacharel em Jornalismo) - Universidade Comunitária Regional de Chapecó, Chapecó, 2005
- LUSTOSA, Isabel. **O Nascimento da Imprensa Brasileira.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- MELLO, Veridiana Pivetta de. **Rádio um meio estruturador do local.** 1999. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- PEREIRA, Moacir. **Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina.** Florianópolis: Lunardelli, 1992.
- PORTAL DOS TERRITÓRIOS BRASILEIROS. **Santa Catarina e suas micro-regiões.** Disponível em www.citybrasil.com.br/sc/index.html. Acessado em 23 de Março de 2006.
- RADIN, José Carlos. **Italianos e ítalo-brasileiros na colonização do oeste catarinense.** 2. ed. rev. e ampl. Joaçaba: Unoesc - Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2001.
- SANTOS, Cíntia Amaria. **O processo de alimentação da imprensa interiorana em contraposição ao processo de alimentação da grande imprensa nacional.** Artigo PUC Minas Arcos.
- SANTA CATARINA. Mapa interativo do Estado de Santa Catarina dividido em regiões. Disponível em www.sc.gov.br/conteudo/santacatarina/geografia/paginas/regioes.html acessado em 12 de Março de 2006.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad 4. ed., 1999.
- WARTH, Roberta. **Jornal Xapecó (1892) As faces de um jornal.** 2004. Monografia (Bacharel em Jornalismo) - Universidade Comunitária Regional de Chapecó, Chapecó, 2004.
- WERLANG, Alceu Antonio. **A colonização do oeste catarinense.** Chapecó: Argos, 2002.